
Carnaval na Amazônia: o bloco do Laurso

Carnival in Amazon: Laurso's block

Antonio Cleison Soares dos Santos e Wanessa Pires Lott

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8888>

DOI: 10.4000/pontourbe.8888

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Antonio Cleison Soares dos Santos e Wanessa Pires Lott, « Carnaval na Amazônia: o bloco do Laurso », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/8888> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8888>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Carnaval na Amazônia: o bloco do Laurso

Carnival in Amazon: Laurso's block

Antonio Cleison Soares dos Santos e Wanessa Pires Lott

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 03/04/2020

Aceitação / Accepted 09/08/2020

Introdução

- 1 O Bloco Carnavalesco Laurso é uma manifestação específica da vila amazônica de Fernandes Beloque, pertencente ao município de Viseu, nordeste do Estado do Pará. O Laurso é um bloco tradicional que sai em cortejo durante os quatro domingos que antecedem o carnaval, finalizando sua brincadeira na terça-feira do reinado de Momo. Assim, o chegar do mês de janeiro traz para as ruas da vila o espetáculo dos bichos, festa da tradição local que se repete há mais de cem anos perpassando por gerações.
- 2 Para além das conhecidas danças carnavalescas, o bloco é marcado por uma rica performance dos integrantes, que se vestem com roupas e máscaras com referências de animais da fauna regional: o bode, a onça, o porco, o cavalo, o cachorro, o macaco, o boi e, obviamente, o urso, que empresta o seu nome para o bloco. Cada animal tem um 'dono', que guia seu bichinho durante todo o trajeto com uma corda. Assim, os brincantes seguem dançando, ingerindo bebidas alcoólicas e encenando diversas situações do mundo animal que são narradas pelo líder do grupo.
- 3 Não só pela sua grande peculiaridade é que o festejo amazônico tornou o foco de estudo. O Laurso tem grande afetividade com um dos autores deste artigo, pois desde os nove anos de idade este pesquisador segue o bloco. A princípio apenas como um

brincante curioso e esperto – para não ser ‘pego’ por nenhum bicho – e posteriormente como um estudioso de tal manifestação popular. Assim, diante do exposto, este trabalho tem como objetivo principal apresentar o Bloco Carnavalesco Laurso tendo como base a observação participante realizada no ano de 2019, bem como as entrevistas feitas com os responsáveis pelo bloco. Privilegia-se neste texto a fala dos informantes, as fotografias feitas no trabalho de campo e as observações realizadas durante o festejo. O estudo será dividido em três partes, além desta introdução. Na primeira, a vila amazônica de Fernandes Belo, a origem da festa e a produção dos figurinos serão apresentadas; na sequência, o festejo em si terá o foco e por fim uma consideração final sobre o tema.

Esquentando os tamborins

Fernandes Belo: o local da festa

- 4 A casa do Laurso é Fernandes Belo, que pertence ao município de Viseu, nome este que significa, em português de Portugal, “lugar alto” ou “elevado”, localizado na região litorânea do nordeste paraense, banhado pelo Oceano Atlântico e pelo rio Gurupi. Viseu faz fronteira com os municípios de Nova Esperança do Piriá, de Cachoeira do Piriá, de Santa Luzia do Pará, de Augusto Corrêa no Pará e Carutapera no Maranhão. Segundo o IBGE, a população estimada em 2010 é de 56.681 habitantes. O município tem uma área de 4.980,969 km² e as principais atividades econômicas locais são a pesca, a agricultura, a pecuária e o comércio (IBGE, 2010).
- 5 A história do município remete à terra dos índios Tupinambás e Apotiungas e os primeiros registros europeus da localidade datam de 1521, com a chegada de Diogo Leite no local. No entanto, a data de fundação do povoado é de meados do século XVII, com o nome de Vera Cruz, que em 1758 tornou-se Nossa Senhora da Conceição de Viseu. Entre os anos de 1833 e 1856, a freguesia pertenceu ao território de Bragança e após instauração da República, Viseu foi elevado à categoria de cidade em 1895. Atualmente o município conta com cinco distritos: Viseu (sede municipal), Camiranga, São José do Gurupi, São José do Piriá e Fernandes Belo (Portal Viseu, 2019).

Guarda uma tranquilidade típica do interior, ornada por muitas árvores que lhe conferem uma imponência peculiar, pois ao se chegar neste local, logo se sente o acolhimento dos locais onde os bailes festivos aos finais de semana e os rios ainda ditam o ritmo da vida de seus habitantes e visitantes. Possui ao leste de seu território belezas que brotam de um ecossistema em que se destacam os manguezais (Costa, Costa e Silva, 2012: 61).



Vista aérea de Fernandes Belo

FERIASTUR, 2019

- 6 Antes de se tornar vila, Fernandes Belo era um povoado denominado "Quitéria", em homenagem à fundadora da comunidade. O cuidador do cemitério da vila, Pedro Manoel da Silva, de 84 anos, descreve a trajetória da origem de Fernandes Belo com a chegada de Maria Quitéria no local, maranhense que subiu o rio Emburanunga com sua família procurando um lugar para morar. Chegando ao local que denominaram 'Porto Grande', Maria Quitéria desembarcou, desbravou um pedaço da mata e construiu o primeiro rancho para abrigar sua família.

Maria Quitéria era uma mulher que veio atrás de um terreno para se localizar, chegando no lugar com o nome porto grande. E saltou na mata. Passando num lago do nome Curticeira. Chegou na terra alta, onde ela se localizou e fez a primeira rua, a primeira picada pra ser uma rua, que hoje conheço por rua Maria Quitéria, lá ela se localizou. (Silva, 2019: informação oral).

- 7 Com a posse do terreno, Quitéria começou a cultivar seus produtos. Ao passar dos tempos, surgiram novas famílias à procura de terrenos na região e aos poucos formou-se um povoado. "Com poucos dias chegou Almeida Cruz, um comerciante. No segundo dia chegou a família dos Caraca: Antônio Caraca, Gigi Caraca, Neneco Caraca e Emília Caraca, se localizaram tudo no Porto do Caraca". (Silva, 2019: informação oral). Com a chegada de novos habitantes o povoado cresceu e os equipamentos urbanos foram aos poucos sendo construídos. O cemitério foi aberto sob a ordem da fundadora da comunidade Maria Quitéria, para sepultar seu neto falecido.

E foi chegando aqui em Fernandes Belo, Carlota, uma mulher com o nome Carlota, a outra Cirila e o primeiro professor, Romano com a mulher dele, e também chegou o Grigório Franco. Também foi chegando Duca Oliveira e Tranquedo, logo chegou Zé Pereira e também chegou Manoel Fernandes e o doutor Belo. (Silva, 2019: informação oral).

- 8 Por muitos anos, o povoado ficou conhecido por "Quitéria", mas com a emancipação política de Viseu se tornou uma vila do município de Viseu.

Para virar vila, trabalhou na emancipação de Fernandes Belo o Manoel Fernandes e o doutor Belo. Eles trabalharam para emancipar. No dia de assinar os documentos eles se uniram, Manoel Fernandes escreveu 'Fernandes' e doutor Belo escreveu na frente 'Belo', e ficou escrito o nome da vila: vila Fernandes Belo Viseu Pará. E hoje ficou Fernandes Belo pra cá, e pra lá era Quitéria mesmo. (Silva, 2019: informação oral).

- 9 No entanto, a vila de Fernandes Belo guarda características do povo nordestino que a fundou, dentre as quais se destacam as festividades. A vila possui uma agenda cultural repleta de celebrações que mesclam a religiosidade católica e a alegria profana, bem aos moldes da teoria de Durkheim (2003), onde o sagrado e o profano apesar de categorias distintas, são conviventes ao ponto de se 'con-fundirem'. Ou seja, há um "double bind: o sagrado e o profano, divino e humano, poder eclesial e poder real, vida e morte, mundo de cá e mundo de lá, individual e coletivo etc.," (Perez, 2008: 39) (grifo da autora) que estão presentes nas festas locais durante todo o ano. Em maio há a comemoração do Dia das Mães, em junho o Festival do Chapéu de Palha para celebrar as típicas festas juninas. O mês de julho é agraciado por duas grandes festas: o festival do Chopp e a festividade de Nossa Senhora do Bom Parto e em dezembro, para além dos festejos natalinos, há o Círio de Nossa Senhora da Conceição e a festa da Marujada de São Benedito.
- 10 No entanto, a festa mais aguardada pela população local é o carnaval de rua, com shows de bandas e DJs na praça e arrastões dos blocos: 'É o bicho', 'Cabeça Rachada', 'Só entra melado' e 'Laurso'. Este último é o mais querido da multidão, a centenária manifestação cultural popular carnavalesca de Fernandes Belo e o objeto desta pesquisa.

O carnaval na cidade: as origens do Laurso

- 11 Apesar de outras festividades que ocorrem em Fernandes Belo, a brincadeira do Laurso é a grande estrela da vila e é organizada por um grupo de cinco senhores popularmente conhecidos por: Cívico, Dico, Zé Maria, Cara Dura e o líder do grupo, Ferro Velho. Nascidos e residentes em Fernandes Belo, estes brincantes se relacionam com a manifestação desde suas infâncias.

Além de nós teve uns velhos que hoje já faleceram há muito tempo já. Era Nicolino Santana, era...era... qual é o outro? Eu me lembro bem do Nicolino Santana, Barnabé, esses homens que foram fazendo. Quando eles pararam de fazer, já, já caiu para ele aqui, o Cívico e caiu pra Vangelista que hoje mora lá no Buraco Fundo. E caiu pra mim também. O Dico que é vizinho do Cívico. E daí nos peguemos e ainda estamos fazendo até hoje. (Ferro Velho, 2019: informação oral).

- 12 O líder do grupo é memória viva da festa e se sente orgulhoso em relatar suas experiências dentro da festa dos bichos. Em entrevistas concedidas em junho e julho de 2019, Ferro Velho fala da origem da brincadeira, de suas transformações e de sua trajetória no bloco, contribuindo assim de forma significativa com essa pesquisa e para o próprio registro da festa. A história da origem do bloco ainda está restrita à memória dos organizadores, que apesar de sua grandeza na cultura viseuense não possui um estudo formal e/ou um documento que reconheça legalmente a importância local desta manifestação.

- 13 Manuel, conhecido como Ferro Velho, tem 58 anos de idade, é pescador e há 46 anos faz parte da coordenação do Laurso. Segundo os relatos de seu já falecido padraсто, o Laurso surgiu em Fernandes Belo no ano de 1913, quando chegou à comunidade um nordestino vindo do Maranhão chamado Manoel Francisco Silva.

Essa brincadeira ela veio, ela surgiu aqui em Fernandes Belo, essa brincadeira veio do Maranhão. A pessoa veio, uma pessoa de lá, veio só ele, só uma pessoa com essa brincadeira e formou essa brincadeira aqui em Fernandes Belo. Num lugarzinho ali, mais retirado da vila. Neste tempo, neste lugarzinho mais retirado da vila, era bem pouca casa, chamava Quebra Viola, que hoje se chama as Quatro Bocas (Ferro Velho, 2019: informação oral).

- 14 Manoel reuniu alguns poucos moradores da vila e fez pela primeira vez a brincadeira da "Laursa" ou a "ursa do carnaval", manifestação oriunda do carnaval pernambucano.

O 'urso' ou 'La ursa' é uma brincadeira trazida para o Brasil pelos italianos imigrantes. Em Pernambuco, ela se desenvolveu e agregou nossas características, sendo incorporada ao Carnaval. A manifestação é oriunda das feiras da idade média, nas quais um urso o animal verdadeiro era levado para embates que atraíam público (Araújo, 2016: página *apud* Norberto, 2016).

- 15 No 'La ursa' de Pernambuco, as brincadeiras são feitas por crianças e jovens carentes que saem nas ruas para pedir dinheiro por meio de cantigas como: "La ursa quer dinheiro quem não dá é pirangueiro". Outros grupos mais organizados participam de agremiações carnavalescas. "Além do urso, o concurso exige a figura do caçador com espingarda e a do italiano (às vezes, chamado gringo ou domador), com maleta e cartola representando o dono ou vendedor do animal" (Norberto, 2016).



LA URSA DE RECIFE

Norberto, 2016

- 16 Em Fernandes Belo a brincadeira manteve características referentes ao urso de Pernambuco, como por exemplo o uso dos figurinos de animais. Porém, desenvolveu outras especificidades com o nome do bloco. O grupo formado em Fernandes Belo recebeu, após alguns anos, um nome específico "o Laurso", por ter no grupo inicialmente apenas pessoas do sexo masculino². No entanto, manteve os personagens principais que são: o urso, o domador, o caçador (ver figura 3) e os músicos.



O CAÇADOR

Acervo pessoal, 2019

- 17 Outra diferença em relação ao bloco pernambucano é a inserção de outros animais: o boi, o cachorro, a onça, o macaco, o bode, o cavalo, a raposa e o jumento. Ferro Velho conta que nas primeiras apresentações do Laurso dependiam da autorização dos moradores. “Eles [os brincantes] pediam licença se eles podiam brincar lá na porta dessa pessoa. Aí o dono da casa dava permissão para eles e eles brincavam”. Os bichos brincavam e dançavam ao som de tambores e violinos. “Neste tempo eram dois tamborzinhos e um violino. Era a música que eles tinham que faziam os bichos dançar”. As dramatizações que duravam “poucos minutos, que não chegava a uma hora” e retratavam o cotidiano da vida animal. De casa em casa o Laurso foi ganhando espaço na cultura daquela comunidade, pois “sempre vinha o pessoal atrás” (Ferro Velho, 2019: informação oral).

Da produção das indumentárias ao cortejo performático

- 18 Para além das dramatizações, o Laurso apresenta um figurino com uma visualidade rústica muito humilde, porém com uma riqueza estética que atrai os olhares curiosos durante suas performances cômicas. Para a produção das máscaras e figurinos dos

personagens do bloco são utilizados materiais naturais encontrados com facilidade na comunidade. Assim, quando chega janeiro, os brincantes vão para o mato à procura de capengas de abacabeira³ para produzir às máscaras. Eles utilizam este material por possuir um formato côncavo que se encaixa perfeitamente no rosto.



Capenga de abacabeira
Acervo pessoal, 2019

- 19 Cada brincante é responsável pela construção da sua máscara e indumentária e são eles que transformam a matéria prima no formato/figura do animal o qual irá representar durante a brincadeira. O material coletado é lavado e secado ao sol para receber o desenho do animal. Após esse processo, inicia-se o corte da peça que exige certa habilidade para esculpir a máscara e deixar definidos os traços característicos da figura do animal desejado. Na finalização, alguns deixam o marrom original da peça, outros pintam e outros cobrem suas peças com couros de animais de caça e/ou tecidos estampados. Como a máscara cobre totalmente o rosto, a identidade do folião é mantida em segredo, possibilitando uma maior liberdade cênica durante a celebração festiva, pois há uma renúncia voluntária do seu papel na sociedade. Assim, esta ruptura com o cotidiano, típica das festas carnavalescas, é potencializada pelo uso da máscara.

Ao pensar a festa como propulsora de experiências que corroboram um novo instaurar cotidiano vivido a partir de “outra” lógica do humano, é possível perceber que a máscara pode servir como meio para acentuar tal experiência. Isso se deve ao fato da máscara, no imaginário social, estar intimamente ligada às formas de disfarce da expressão e da identidade, fazendo com que o sujeito mascarado opte por transitar por caminhos que, comumente, por estar com o rosto disponível às pessoas, dificilmente conseguiria percorrer (Maram e Lara, 2015: 04).

- 20 Ou seja, como no carnaval há o intuito da construção de uma grande unidade carnavalesca em detrimento das identidades individuais, “o corpo individual deixa, até certo ponto, de ser ele mesmo e se une aos demais ao travestir-se por meio de fantasia e máscara” (Soerensen, 2017: 319).
- 21 Para além desta reflexão acadêmica, no entorno do uso das máscaras, há fatos interessantes. Um de nossos informantes é um rapaz de 36 anos, natural de Fernandes Belo, que há 18 anos é brincante do Laurso. Ele representa o bode, personagem que mais se destaca pelas suas performances cômicas. Após 13 anos como bode, o brincante

trocou usa fantasia pela do boi, no entanto, desmaiou ao apresentá-lo. Para os membros do bloco, o desmaio foi devido a troca da fantasia, não havendo ligação com a fantasia do boi ser mais quente e mais pesada. Após esse fato, o brincante voltou a ser o bode, garantindo a alegria até o fim da brincadeira.

Eu tenho 18 anos de brincadeira, que eu brinco nesse Carnaval aqui de Fernandes Belo. Aí com 13 anos eu desmaiei, peguei a careta do boi com saco de sarrapilheira⁴ eu desmaiei. Porque não é todo mundo que pega uma careta dessa e vai brincar, porque o cara não aguenta a brincadeira. Eu tava com 13 anos de brincadeira e desmaiei, porque todo mundo tem vontade de pegar uma careta dessa e botar na cara. Porque na hora, eles não aguentam e tiram a careta, aí fica feio a brincadeira. (Rosário, 2019: informação oral).



Máscara do boi
Acervo pessoal, 2019

- 22 O imaginário em torno das máscaras é fortalecido pela composição do restante do figurino. Geralmente eles utilizam materiais baratos e simples como a sarrapilheira ou o saco branco embalagem de farinha de trigo.

Aí na hora de fazer a roupa, vamos fazer a roupa. Pega o saco com barbante, costura, faz assim uma roupa normal mesmo, faz a manga, depois faz a calça e prega, faz tipo uma camisa normal como uma camisa mesmo, tipo macacão. (Rosário, 2019: informação oral).

- 23 Por exemplo, a máscara do bode é feito de compensado, um material um pouco mais leve, que é guardado de um ano para o outro, sendo reformado apenas as suas pelagens.

Aí o negócio da careta, negócio da careta eu mesmo tenho o rapaz que fez a máscara pra mim. Mas, só que eu efeito, boto um veludo aqui de pêlo branco. Aí depois a gente bota o pano aqui atrás, bota uma, uma esponja mais não é suficiente, às vezes fica calo na minha cabeça, porque a porrada da careta esquenta muito, sua muito" (Rosário, 2019: informação oral).

- 24 Apesar de todos os esforços que os brincantes enfrentam como o calor das vestimentas, nada supera a alegria e a emoção de estar inserido em uma manifestação cheia de valores e representatividades para os moradores de Fernandes Belo. Segundo os brincantes, devido à grande relevância do festejo para a comunidade, eles conseguem força para resistir durante o trajeto do cortejo.



Macacão do cavalo feito de sarrapilheira

Acervo pessoal, 2019

- 25 Vale ressaltar, que aos poucos estão sendo inseridos tecidos estampados e máscaras industrializadas na indumentária do Laurso. Os trajes dos domadores – que na brincadeira são os donos dos bichos – são os mesmos utilizados em seu cotidiano. Os brincantes vestem camisa, calça comprida, bota ou sapato, rosto mascarado e seguram na corda que é amarrada ao seu bicho por uma mochila presa nas costas.



O DOMADOR E SEU BICHO
ACERVO PESSOAL, 2019

- 26 Esta visualidade tem uma leve semelhança com o domador do "urso" de Pernambuco, que por sua vez leva em suas mãos uma mala representando um vendedor do animal (ver figura 2). Já o domador do Laurso de Fernandes Belo tem uma aparência mais grotesca, pois está trajando roupas velhas e cobre o rosto com máscaras de monstros feitas de papelão ou pedaços de baldes ou máscaras industrializadas (ver figura 3). Tais singularidades na indumentária trazem uma forte identidade para o carnaval de Fernandes Belo.

O Bloco na rua

A festejo carnavalesco

- 27 Após as produções das máscaras e vestuários, o Laurso está pronto para brincar nas ruas levando alegria e muita diversão para o público. O bloco sai em cortejo durante os quatro domingos que antecedem o Carnaval, encerrando a festa na terça-feira gorda com o ritual dramático de 'morte' dos bichos. A concentração inicia às duas horas da tarde, onde os brincantes se reúnem na casa do senhor Zé Maria para a caracterização animalesca. Concluindo as caracterizações os bichos fazem um 'esquenta'⁵ na sede do Laurso (ver figura 8), para assim, iniciar o cortejo performático. Enquanto isso, o público aguarda em frente à sede, para poder acompanhar o centenário bloco carnavalesco que arrasta multidões durante o período do Carnaval.



VISTA FRONTAL DA SEDE DO LAURSO EM FERNANDES BELO.

Acervo pessoal, 2019.

- 28 A brincadeira inicia por volta das três horas da tarde, percorrendo as principais ruas de Fernandes Belo em cortejo (ver figuras 9 e 10) e encerra às seis horas com o retorno para a sede do Laurso. Atualmente a animação da festa dos bichos não conta apenas com tambores e violino, conta também com o automotivo das caretinhas, que atrai o público com um som mais potente.



OS BICHOS EM CORTEJO.

Acervo pessoal, 2019



MAPA DO PERCURSO DO BLOCO LAURSO.

Acervo pessoal, 2019.

- 29 Esta brincadeira de se ‘tornar um animal’ é possível no contexto do Carnaval, pois o mundo é neste momento reinventado. “Há uma interrupção provisória de todo o sistema oficial, tais como as interdições e barreiras hierárquicas. Por um breve lapso de

tempo, a vida saía dos seus trilhos habituais, legalizados e consagrados e penetrava na liberdade utópica” (Bakhtin, 2013: 78). O excluído, o marginal, o periférico ganha o centro nesta teatralização da vida que dissolve as barreiras hierárquicas, sociais e ideológicas, trazendo à tona a extravagância e um convívio diferenciado entre os homens. No entanto, é importante destacar que não há a dissolução dos sentidos e significados de uma estrutura social, mas sim uma construção de novas classificações e representações. Um outro mundo, uma outra vida surge nas ruas, em um movimento de união entre a casa e a rua, “reunidos por uma convivência temporariamente utópica de espaços rigidamente divididos no mundo diário” (Da Matta, 1997: 44).

- 30 No bojo do ‘brincar carnaval’ na rua, as performances são partes fundamentais da festa, mas não se limitam apenas à imitação da vida animal, como as brigas, a caça e os acasalamentos (ver figura 11).



OS BICHOS FAZENDO PERFORMANCES.

Acervo pessoal, 2019

- 31 As críticas sociais também se fazem presente de maneira extremamente irônica e muitos tentam transformar suas injúrias em alegrias, fazendo da brincadeira um veículo de comunicação visual que utiliza no espaço público objetos e fantasias rústicas para relatar os aspectos do cotidiano.

A performance surge, portanto, como uma manifestação artística em que o corpo é utilizado como um instrumento de comunicação e arte que se apropria de objetos, situações e lugares (...) A performance propõe novas experiências perceptivas e questiona aspectos de nosso cotidiano, da comunicação e da Cultura, o que também lhe conferiria um caráter de "experimentação" com fins de mudança. (Gonçalves, 2015: 13,15).

- 32 Dessa forma, a fala do autor fundamenta características do Laurso de modo que as expressões artísticas da festa dos bichos utilizam o corpo como objeto principal. As

representações do cotidiano animal nas cenas dramatizadas buscam não só divertir as pessoas, mas também chamar a atenção do público para as questões ambientais e a violência contra os animais silvestres e domésticos. O encerramento é representado com um forte ritual performático de sacrifícios dos bichos. Por meio destes, percebe-se que há um ciclo de renovação no Laurso: o animal morre no final da festa e renasce no ano seguinte.

Um ciclo: a morte do bicho, o ressuscitar o bicho...

- 33 No ritual de morte do bicho reúnem-se vários elementos que expressam significativamente o cotidiano da vida animal e social dos moradores de Fernandes Belo. Assim, como dito, os animais vestidos com roupas feitos de sarrapilheira e máscaras construídas com capengas de abacabeira constroem o ritual cheio de expressividade. Os brincantes, completamente envolvidos no processo de comunicação simbólica da morte dos bichos, envolvem-se em diversos elementos visuais materiais e corporais que tornam o evento mais atraente.
- 34 Por se tratar do ponto alto da festa, o aspecto ritual é aqui entendido como “um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios” (Peirano, 2002: 9). O ritual do Laurso é constituído pela sequência de atos que expressam por meio de sons, gestos e muita dramaticidade a encenação da morte dos bichos, tornando esse conjunto de expressões um sistema cultural e social de comunicação simbólica. Cabe ressaltar que a morte de bichos é comum em brincadeiras em manifestações populares, por exemplo, no boi-bumbá e nas brincadeiras de pássaros durante os festivais folclóricos juninos.
- 35 No contexto carnavalesco da ‘festa da carne’, a morte dos bichos relembra as festas, os banquetes com muitas carnes vermelhas, que aconteciam na Idade Média, nos quatro dias que antecediam o início do período quaresmal, criado pela Igreja Católica, em que os cristãos faziam abstinência de carne durante os quarenta dias de quaresma. Portanto, esse ritual apresenta várias possibilidades de interpretação, de modo que o Carnaval permite essa diversidade de significações e liberdades de expressões. “O Carnaval [é] como ritual”.

Assim Da Matta nos diz que, nos rituais, as sequências de comportamentos são dilatadas ou interrompidas por meio de gestos, pessoas, ideias ou objetos. A dramatização do cotidiano que ocorre nesse tempo faz surgirem novos significados (...) É no Carnaval que a sociedade pode ter uma visão diferente de si mesma; há, portanto, no ritual a sugestão de que o momento extraordinário pode se transformar em rotina, no ritual como drama observam-se os conflitos, as ambiguidades e os dilemas, mas também as potencialidades, as alternativas e as utopias dos brasileiros (Peirano, 2002:27).



A morte dos bichos.

Acervo pessoal, 2019

- 36 Após a morte no Laurso ao final da tarde, a festa continua tanto na sede do bloco, onde brincantes e seguidores do bloco confraternizam-se com bebidas e muita dança, o mesmo acontece na praça da cidade. Assim a praça torna-se o grande palco festivo, carregada de atrações que perduram por quatro noites.

Considerações finais

- 37 O presente artigo mostrou o carnaval do Laurso da vila amazônica de Fernandes Belo, tendo a organização da escrita seguindo a seguinte sequência, primeiramente com a apresentação da vila, logo depois o processo de produção do figurino e por fim as etapas da festa. Na trajetória do trabalho de campo, construiu-se uma relação recíproca entre pesquisadores e informantes, pois as trocas propiciaram descobertas profícuas, tanto para uns quanto para outros.
- 38 Particularidades que estavam esquecidas pelos organizadores vieram à tona, criando um clima de emoção em vários momentos das entrevistas. Para além de uma contribuição acadêmica, temos a certeza que ao adentrar no festejo do Laurso teve-se a certeza da grande relevância de estudos como este. Assim, podemos atribuir inúmeros adjetivos para o festejo carnavalesco do Laurso de Fernandes Belo: empolgante, dramático, performático, distinto... Uma brincadeira carnavalesca que ganhou força e maior visibilidade nos últimos anos, porém já são 107 de existência comandada e financiada pelos próprios brincantes e organizadores do evento. Para os moradores locais, brincar o Laurso é uma forma de expressar sua criatividade por meio da produção das vestimentas e máscaras e, em uma aparente contradição, expor críticas sobre seu cotidiano ao mesmo tempo que buscam a fuga deste.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e o Renascimento: o contexto de François Rebelais. São Paulo e Brasília: HUCIREC, 2013. ISBN 85-271-0019-3
- COSTA, Jardel Pedro dos Rei, COSTA, Nívia Maria Vieira e SILVA, Maria R. Pimenta “Os desafios e as práticas pedagógicas do professor pesquisador do campo no Nordeste Paraense / Amazônia Brasileira” Extensão Rural vol. 1 n° 1 jan./jun., 55-76, 2012 Disponível em https://issuu.com/ezequielredin/docs/revistaextens__orural_2012-2_vfinal Acessado no dia 10 de julho de 2019.
- DAMATTA, Roberto A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. ISBN 85-325-0759-X
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2013. ISBN-10: 8533605153
- GUIMARÃES, Luís Henrique Rocha e LOBO, Marco Aurélio Arbage. “Distribuição espacial da criminalidade no centro histórico da cidade de Belém (Pará/Brasil)”, in Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Vol. XVII, núm. 456, novembro, 2013 Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-456.htm> Acessado dia 10 de julho de 2019.
- GONÇALVES, Fernando do Nascimento. “Performance: um fenômeno de arte-corpo-comunicação”, in Logos, v. 11, n. 1, p. 76-95, jan., 2015 Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14676>>. Acessado no dia 03 de abril de 2020.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Viseu, 2019. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/viseu/historico>. Acessado no dia 10 de julho de 2019.
- MARANI, V. & LARA, L. M. “Relações entre corpo e máscara no carnaval de Veneza”. in Revista Licere, v. 18, p. 1-31, 2015 Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1083/804>. Acessado no dia 27 de fevereiro de 2020.
- NOBERTO, Flora “Ursos: uma lata na mão e uma máscara na cabeça”. In Revista Continente edição 223, 2016. Disponível em <http://www.revistacontinente.com.br/edicoes/182/ursos--uma-lata-na-mao-e-uma-mascara-na-cabeca>. Acessado no dia 10 de julho de 2019.
- PEIRANO, Mariza Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. ISBN-10: 8571107289.
- PEREZ, Léa Freitas. “Dionísio nos trópicos”, 2008 in Anais do I Colóquio Festas e Sociabilidades. Aracaju/SE: UFSE.
- PORTAL VISEU. Fernandes Belo, 2019 Disponível em <https://portalviseu.pt/>. Acessado no dia 20 de julho de 2019.
- SOERENSEN, Claudiana “A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin”. in Travessias, Cascavel, v. 5, n. 1, maio 2017, 2017 Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4370/3889>>. Acessado no dia 03 de abril de 2020.
- Entrevistas
- FERRO VELHO - Manoel S. da C. Fernandes Belo Entrevista concedida ao autor. Fernandes Belo: junho e julho, 2019.
- ROSÁRIO, Heglac Fernandes Belo. Entrevista concedida ao autor. Fernandes Belo: junho, 2019.
- SILVA, Pedro. M. Fernandes Belo Entrevista concedida ao autor. Fernandes Belo: junho, 2019.

NOTAS

1. Pirangueiro significa aquele que é reles, desprezível.
 2. Atualmente há brincantes do sexo feminino.
 3. Abacabeira é uma palmeira típica da região amazônica, cujo fruto é abacaba muito consumido na região paraense.
 4. Sarrapilheira é uma espécie de pano do mesmo tipo e textura que os sacos de estopa; é usada nos garimpos para reter o ouro na caixa de lavagem do minério. Pode ser comprada por metro nas lojas especializadas em produtos para garimpo.
 5. Na linguagem popular, 'esquenta' significa uma preparação festiva, regada à música e bebida, antes do início da festa na rua.
-

RESUMOS

O presente artigo tem como objetivo apresentar o festejo carnavalesco de Fernandes Belo, localizado na região amazônica. Este carnaval ocorre há mais de 100 anos na localidade e trata-se de uma festa na qual os brincantes caracterizam-se como animais com figurinos confeccionados de materiais retirados da natureza. Nos dias da festa, eles saem às ruas dramatizando cenas do cotidiano dos bichos e expondo críticas sociais. A diversão termina com o ritual de morte dos bichos que, por sua vez, ressuscitarão no ano seguinte, em um ciclo de morte e vida pertinente às festas carnavalescas. Apesar de não ser uma etnografia, o estudo utilizou da metodologia da observação participante bem como de entrevistas realizadas com membros do bloco.

This article aims to present the carnival festivity at Fernandes Belo, located in the Amazonian region. This carnival has been carried out in this place for over a hundred years, and it is a party in which the participants are characterized by animals with costumes made with nature extracted raw materials. On the days of the festival, they go out on the streets dramatizing scenes of the animals' daily lives and exposing social criticism. The fun ends with the animals' death ritual, which will resurrect the following year, in a cycle of death and life relevant to carnival festivities. Although not an ethnography, the study applied participant observation methodology as well as interviews with members of the block.

ÍNDICE

Keywords: carnival, laurso's block, amazon

Palavras-chave: carnaval, bloco laurso, amazônia

AUTORES

ANTONIO CLEISON SOARES DOS SANTOS

Graduado em Artes Visuais – Universidade Federal do Pará.

E-mail: antoniocleison1993@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3739-6945>

WANESSA PIRES LOTT

Doutora em História – Universidade Federal do Pará.

E-mail: wanessalott@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7026-9852>